

SENTIDOS DO SABER E DO FAZER DOCENTE EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Marcia Pereira Carvalho
SME Goiânia – marciapereiracarvalho@uol.com.br

Resumo: O presente artigo estuda as concepções de Educação Ambiental dos professores e os discursos sobre sua prática docente. Objetiva conhecer, compreender e analisar tais concepções e discursos em diferentes disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental, considerando-os portadores de sentidos. As concepções mais correntes — a Educação Ambiental Conservadora, a Educação Ambiental para a Gestão Ambiental, a Educação Ambiental Crítica e a Ecopedagogia — são consideradas fruto da articulação entre as diversas concepções de Educação e de Meio Ambiente. A Ecopedagogia, vertente teórica de base holística e planetária, é referencial teórico-metodológico em interlocução com Gadotti (2000), Gutiérrez e Prado (2000) e Mauro Guimarães (2002, 2004). Esta se dedica ao aprendizado do sentido das coisas a partir do cotidiano e representa uma possibilidade de construir “nossa humanidade comum”. A pesquisa de campo teve como instrumentos o questionário e a entrevista semi-estruturada. A análise e interpretação dos dados revela que a concepção dominante é a Educação Ambiental Conservadora, tradicional e conteudista e, em segundo plano, a Educação para a Gestão Ambiental, tecnicista e pragmática. A prática docente, no discurso dos professores, coaduna com essas concepções embora sinalize para a necessidade de que os conhecimentos adquiridos estejam a serviço da vida. A Ecopedagogia, mesmo que ainda não se faça presente, pode encontrar nesse aspecto espaço para inaugurar novas formas de relacionamento entre educando-educador-cosmos.

Palavras-chave: educação ambiental, concepções dos professores, Ecopedagogia

Esse artigo é fruto de pesquisa desenvolvida no Mestrado de Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis. Seu ponto de partida é a consideração da importância da contribuição do professor na complexa tarefa de melhorar a qualidade social da escolarização, em face do que busca investigar as concepções dos professores sobre Educação Ambiental e quais os seus discursos sobre a prática docente que executam. Para isso, orienta-se pelas seguintes questões norteadoras: Quais são as faces constitutivas das concepções dos professores acerca da Educação Ambiental? Quais saberes docentes compõem as concepções dos professores sobre Educação Ambiental? Qual o discurso dos professores sobre sua prática docente em Educação Ambiental?

A concepção de educação que alicerça esse artigo reside na consideração da educação

como um ato político, que pretende intervir na realidade para transformá-la, concebendo-a como “lar dos sentidos”. Tendo em vista essa concepção e as palavras que compõe o título desse artigo há que se contemplar as relações entre concepção e sentido, no plano da etimologia. O termo sentido, adjetivo derivado do verbo sentir, evoluiu do verbo latino *sentīō, is, sensi, sensum, sentre* e significa: perceber pelos sentidos, sentir, ter sentimento, conhecer, experimentar uma sensação ou sentimento, fazer total uso dos sentidos e faculdades, estar alerta e consciente; tornar-se ou ser ciente de; ser afetado por, sofrer a influência de (força física etc.); padecer; experimentar; pensar, expressar uma crença, opinar; (diz-se de juiz ou jurado) dar um voto ou um veredicto; compreender etc.

Concepção, por sua vez, tem origem no verbo conceber e também significa sentir em si o germe de; gerar, imaginar, criar mentalmente, explicar, interpretar, considerar, compreender, perceber, ser fecundada. Conceber vem do latim *concipere* que engloba tanto o significado mais comum de gerar e conceber quanto as ações de reunir, conter, recolher, absorver, fecundar, exprimir ou apreender espiritualmente alguma coisa. Como no grego logos, no qual se radica, por exemplo, “leitura” (*legere*) e “legume”, a atividade mental de conceber é metáfora da atividade agrícola de colher algo que é oferecido pelo mundo e apropriado pelo espírito ou pela nossa vida prática. Essa origem etimológica não é apenas uma abordagem erudita mas aponta para a ligação entre a teoria e a práxis, entre a linguagem e o mundo, entre o conceito e a existência cotidiana, entre a atividade abstrata do pensamento e o nosso modo concreto de estar e se relacionar com o mundo (BRANDÃO, 2000, p.2).

Assim sendo, é possível afirmar que o sentido está na raiz, na gênese da construção da concepção e de igual modo é construído a partir das concepções que cada ser carrega. Além de se imbricarem ou até por isso mesmo, as duas palavras compartilham alguns significados em comum tais como: compreender, perceber e expressar. Assim, investigar as concepções dos professores requer necessariamente lidar com sentidos que eles carregam. Sentidos esses que figuram em três dimensões — a primeira dimensão diz respeito ao sentido, à direção, à utopia, ao sonho que se deseja alcançar; a segunda se refere ao significado, à semântica empregada e desenvolvida no próprio ato de caminhar; e, a última dimensão consiste no sentir-sentido que se relaciona ao âmbito das sensibilidades, do contato sensível, profundo e limpo com os seres e as coisas (GUTIÉRREZ E PRADO, 2000).

Pensar acerca das concepções dos professores é refletir sobre a constituição dos saberes

docentes que, segundo Tardif (2002), não podem ser concebidos como uma categoria autônoma e separada da realidade social, organizacional e humana. As concepções dos professores se relacionam com a pessoa deles, sua identidade, sua experiência de vida e com a sua história profissional, com seu relacionamento com os alunos e outros atores escolares e com o saber científico que possuem além de outros condicionantes, pois se situam “na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema”, pois a sua natureza social e individual como um todo se baseia num certo número de “fios condutores” (TARDIF, 2002, p. 16). A vigência da Educação Ambiental nos espaços de educação formal acontece a partir das concepções que os professores têm e empregam em sua prática docente. Essas concepções longe de se efetivarem em jargões cristalizados e unívocos, estão em permanente reconstrução na e pela prática pedagógica e se constituem a partir da influência de vários condicionantes sociais, políticos, culturais que configuram diferentes concepções de homem, de natureza e de sociedade.

Compreender as concepções de Educação Ambiental, requer a investigação de suas faces constitutivas: concebidas a partir da articulação das concepções de Educação e do Ambiental. As concepções de meio ambiente serão apresentadas doravante pelo desenvolvimento de quatro caminhos que em alguns momentos revelam dicotomias, mas também semelhanças entre si. Essas vertentes foram eleitas com base na pesquisa de Tozoni-Reis (2004) que apresenta as três grandes linhas do pensamento dos docentes acerca do meio ambiente: a concepção naturalística, a concepção racionalista e a concepção histórica — sendo que a quarta corrente se baseia na concepção planetária de meio ambiente defendida por Gadotti, Gutiérrez e Prado referenciais teóricos dessa pesquisa.

As concepções de Ambiente constituem uma das faces da concepção de Educação Ambiental e tem como fundamento a compreensão das relações que o homem construiu com a natureza no decorrer dos tempos. A concepção “mágica” da natureza, propõe uma vida rural e simples como único caminho possível ao restabelecimento da harmonia entre o homem e a natureza, traços característicos da **Concepção Naturalista** de Meio Ambiente, que camufla as contradições que estão na base da acumulação material desregulada alcançada à custa de diversas ações predatórias.

A racionalidade técnica marcou os séculos XVII e XVIII e impregnou o relacionamento entre o ser humano e a natureza, denotando uma **Concepção Racionalista** de Meio Ambiente.

Impõe a necessidade de um relativo afastamento dos ambientes naturais e o conseqüente refúgio dos homens cultos nos laboratórios e academias, espaços privilegiados para o tratamento sistemático, mecânico e imparcial das questões naturais que apenas à luz das verdades científicas poderiam ser desveladas.

A **Concepção Histórica** do Meio Ambiente, preconiza a defesa das condições sóciohistóricas e dos determinantes políticos como vitais ao processo de interpretação e transformação ambiental. A relação homem-natureza é concebida como a relação sociedade-natureza, sociedade constituída a partir e segundo a história e a cultura. Alguns estudiosos do materialismo histórico dialético, corrente que fundamenta a concepção histórica de meio ambiente, indicam os limites dessa corrente sociológica. Um deles é a ênfase na dimensão econômica sobre as questões ambientais, o que, sem dúvida, é inegável, entretanto, apenas a crítica ao sistema capitalista, não tem se mostrado suficiente, requerendo um exame que leve em conta a unidade matéria e espírito.

Centrada em uma visão unificadora do planeta e da sociedade mundial a **Concepção Planetária** do Ambiente, é resultado de um processo de dinamismo, de participação responsável na promoção da vida. Abarca o conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos para uma nova percepção da Terra como uma única comunidade. As expressões “nossa humanidade comum”, “unidade na diversidade”, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum” são algumas manifestações que sintetizam os pressupostos dessa visão de mundo. Conforme afirmam Gutiérrez e Prado (2000, p. 38), “um aspecto básico da planetariedade é sentir e viver o fato de que fazemos parte constitutiva da Terra: esse ser vivo e inteligente que pede de nós relações planetárias, dinâmicas e sinérgicas”.

As concepções de Educação — a outra face dos sentidos da Educação Ambiental — são fruto de um longo e complexo processo em que se articularam diversas forças ao longo do tempo, servindo tanto à conservação social, quanto à crítica da realidade atual. O espaço dedicado ao estudo dessas questões vem perdendo terreno no campo da formação de professores, deixando margem para o predomínio de “uma estéril e perigosa banalização do ato de ensinar, do sentido da função pedagógica para a mudança social” (LAYRARGUES in GUIMARÃES, 2004, p. 14). Essa lacuna é considerada por alguns estudiosos do campo ambiental como responsável pela fragilidade que assola a Educação Ambiental e materializa a imensa distância que se estabeleceu entre o discurso e as práticas cotidianas.

As tendências pedagógicas aqui apresentadas se organizam em duas linhas: as conservadoras e as críticas. As correntes pedagógicas conservadoras a serem abordadas são a Educação Tradicional, a Educação Nova e a Educação Tecnicista e as selecionadas em torno da vertente crítica são a Educação Crítica e a Educação Holística. A Educação Tradicional, a Educação Nova e a Educação Crítica são tratadas por Tozoni-Reis (2004). Já a Educação Holística e a Educação Tecnicista são abordadas por Gadotti (2000) e Mauro Guimarães (2004), respectivamente.

A **Educação Tradicional** caracterizada pela concepção de educação como produto, considera o aluno como “tabula rasa”, suprimindo o papel dos sentimentos, da subjetividade e da autonomia. A **Educação Nova**, por sua vez, enfatiza as metodologias de ensino com o conceito de “aprender fazendo”, valorizando a experiência e a elaboração individual de maneira mais flexível e adaptável. De maneira análoga, a **Educação Tecnicista** se afasta das questões políticas e foca as técnicas de transmissão de saber imprimindo ao ensino uma conotação pragmática e informativa. Ressaltando o papel da história e da cultura, a **Pedagogia Crítica** valoriza o indivíduo em sua dimensão coletiva, a integração, o trabalho e a interdisciplinariedade na organização pedagógica. A **Educação Holística** propõe uma lógica do vivente, valorizando o micro e a esfera da subjetividade, e o cotidiano como o lar dos sentidos.

Como cara e coroa são faces de uma mesma moeda, a Concepção Naturalística de meio ambiente e a Educação Tradicional são as faces constitutivas da **Educação Ambiental Conservadora**. Ancorada em um conhecimento a-crítico, enciclopedista e que não leva em conta a realidade social, menospreza o complexo jogo de forças que caracteriza a exploração do meio ambiente, reduzindo as noções de cidadania e participação a uma concepção liberal, passiva e disciplinar.

A **Educação para a Gestão Ambiental**, fruto do encontro entre a Concepção Racionalista de Meio Ambiente e a Educação Tecnicista, se orienta pela valorização da aprendizagem de comportamentos ecologicamente corretos, a partir de conhecimentos de ordem pragmática e utilitária. Conferindo destaque à fiscalização e controle do meio ambiente mediante a racionalidade técnica, ignora a dimensão da emoção, da imaginação e da subjetividade.

Resultado da amizade entre a Concepção Histórica de meio ambiente e o ideário da

Educação Crítica, a **Educação Ambiental Crítica** destaca o papel imprescindível da história e da cultura, no contexto do processo produtivo. Valoriza a relação horizontal entre os pares do processo educativo e a interdisciplinariedade a partir de uma abordagem sociopolítica que expõe as contradições da relação homem-mundo, buscando na dialética e na dialogicidade o binômio reflexão-ação.

A **Ecopedagogia**, originada do diálogo entre a Concepção Planetária de meio ambiente e a Educação Holística contempla a dimensão social da problemática ambiental e o pensamento crítico, mas enfatiza a formação de uma consciência local e planetária pautada na perspectiva holística da relação entre o homem, a natureza e o universo, na solidariedade, na igualdade, no desejo e na imaginação.

Essas faces constitutivas, que denomino política da amizade na Educação Ambiental, foram sistematizadas em um quadro, como forma de promover uma compreensão ampla de como as concepções de ambiente e as concepções de educação estão na raiz das concepções de Educação Ambiental.

**Quadro 1 - Concepções de Meio Ambiente e Concepções de Educação:
a política da amizade na Educação Ambiental**

Concepções de Meio Ambiente	Concepções de Educação	Concepções de Educação Ambiental
<p>Concepção Naturalista</p> <ul style="list-style-type: none"> - sujeito natural exerce domínio e é responsável pela crise ambiental - concepção romantizada de volta ao paraíso perdido - concepção orgânica da natureza (Gilberto White) 	<p>Educação Tradicional</p> <ul style="list-style-type: none"> - homem é receptor passivo - mundo é externo ao indivíduo - o conhecimento é cumulativo e transmitido a partir de uma psicologia sensual-empirista - a educação é produto baseado em um modelo padrão (Comenius) <p>Educação Nova</p> <ul style="list-style-type: none"> - aluno como sujeito da aprendizagem, aprende melhor por si próprio - professor o centro não é o professor nem a matéria, e sim o aluno - professor como expectador do processo aprendizagem (Carl Rogers) 	<p>Educação Ambiental Conservadora</p> <ul style="list-style-type: none"> - visão romântica da educação ambiental - conhecimento a-critico, teórico e distante da realidade social - ênfase na contemplação e conservação dos espaços intocados

<p>Concepção Racionalista</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sujeito cognoscente se relaciona com a natureza a partir da mediação dos conhecimentos técnico-científicos - atribui a crise ambiental à falta de conhecimentos científicos - revolução mecanicista inaugurou a dominação da natureza pela ciência (Copérnico, Galileu, Descarte e Newton) 	<p>Educação Tecnicista</p> <ul style="list-style-type: none"> - caráter instrumental, ênfase nos manuais e técnicas de como aprender e ensinar - processo como administrador e executor do planejamento - aluno como ser previsível, condicionado a devolver as respostas esperadas (Skinner) 	<p>Educação para a gestão Ambiental</p> <ul style="list-style-type: none"> - crítica ao sistema capitalista de caráter predatório - ênfase na formação e na atuação de movimentos sociais - processo de mediação de conflito de interesses - ênfase na aprendizagem de comportamentos ecologicamente corretos - valorização dos conhecimentos de ordem pragmática e utilitária
<p>Concepção histórico-dialética</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sujeito Social tem a história e a cultura como mediadoras da relação homem-natureza - importância da intencionalidade dos sujeitos nas transformações ambientais - relação permeada pela totalidade e pela contradição mediada pelo trabalho (Karl Marx) 	<p>Educação Crítica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abordagem sociopolítica - relação dialética e dialógica entre o homem-mundo - binômio reflexão-ação - valorização das superestruturas socioeconômicas ou epistêmicas 	<p>Educação Ambiental Crítica</p> <ul style="list-style-type: none"> - educação baseada na compreensão das relações sociedade-natureza - formação do sujeito ecológico - ética ambiental como promotora de estilos de vida - Teoria Crítica – Escola de Frankfurt
<p>Concepção Planetária</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sujeito Planetário busca integração e comunhão com a natureza a partir do processo de autodependência indivíduo-grupo - o sujeito é parte constitutiva da Terra - diálogo em relação convergente de todos os seres que conforma a realidade (Gutiérrez) 	<p>Educação holística</p> <ul style="list-style-type: none"> - ênfase na subjetividade, imaginação em articulação com o todo - pedagogia da unidade - educação como um processo de construção de sentido a serviço das transformações sociais em micro e macro escala - atividade escolar centrada na discussão de temas sociais, do meio sócio-econômico cultural, da comunidade local 	<p>Ecopedagogia</p> <ul style="list-style-type: none"> - pensamento crítico como base da educação ambiental - formação de cidadãos com consciência local e planetária - perspectiva holística da relação entre o homem, a natureza e o universo - estímulo à solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos (Freire, Gadotti, Gutiérrez)

Uma vez compreendidas as faces constitutivas da Educação Ambiental no processo da pesquisa bibliográfica, procedeu-se à investigação no contexto da prática docente. Nesse exercício de colher concepções e lançá-las novamente à Terra, ao campo de pesquisa, é possível perceber, além das facetas já identificadas, quais saberes docentes dos professores constituem suas concepções de Educação Ambiental. Esse exercício que consistiu na consecução da resposta da segunda questão, permite a percepção dos saberes docentes que constituem as concepções dos professores sobre Educação Ambiental.

A pesquisa de campo foi realizada com os professores da Escola Estadual Cerrado Dourado, localizada em Aparecida de Goiânia, nas diferentes disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a entrevista e o questionário e contou com a participação de 11 docentes.

Esse emaranhado de sentidos — concepções de meio ambiente, concepções de educação, história de vida, formação para o magistério, saberes experienciais — fervilha nas concepções e no discurso sobre a prática docente em Educação Ambiental de cada professor. Dessa profusão de significados que cada docente “sentiu em si”, a concepção predominante entre os professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Cerrado Dourado se ancora nos pressupostos de uma Educação Ambiental Conservadora, conteudista e orientada para reprodução de modelos desvinculados das questões cotidianas. Em segundo plano vigora a Educação para a Gestão Ambiental concebida a partir de uma visão desenvolvimentista do planeta preocupada em controlar e gerir os recursos naturais para a manutenção do atual modelo econômico. A Educação Ambiental Crítica é lembrada, mas somente por um dos professores que compreende que ela também abrange os conflitos sociais e as transformações históricas.

Os sentidos empregados nas concepções dos docentes advêm de saberes exteriores ao ofício de ensinar, situados fora do trabalho cotidiano, preponderantemente midiático. Os saberes provenientes dos programas e livros didáticos, que expressam as políticas públicas e oferecem ferramentas de leitura e de transposição o exercício do magistério tem uma presença tímida.

Acerca do discurso dos professores, sobre sua prática docente em Educação Ambiental, última questão enunciada na pesquisa, a “pedagogia dos conteúdos” vigora com grande ênfase, privilegiando o aspecto cognitivo do processo pedagógico de forma individualista e comportamentalista. À semelhança das concepções expressas pelos docentes, o tecnicismo está presente ocupando o segundo lugar em sua prática de ensino por meio da aprendizagem de conhecimentos pragmáticos desprovidos da problematização às questões políticas e sociais. A prática docente baseada em uma Pedagogia Crítica da Educação Ambiental é mencionada por dois educadores como uma forma de dialogar com a realidade socioambiental e romper com a lógica dominante de exploração do homem e da natureza.

A busca empreendida ao longo desse caminho, orientada em parte pela busca de elementos que respondessem as questões apresentadas, encontrou no Ecopedagogia as chaves e os mapas da promoção de sentidos. Todavia, pela trajetória desenhada na instituição pesquisada, foi possível perceber que os ideários da “pedagogia dos sentidos” ainda se encontram muito distante das concepções e dos discursos sobre a prática pedagógica que os

docentes desenvolvem em Educação Ambiental. Entretanto, a prática docente, no discurso dos professores, sinaliza para a necessidade de que os conhecimentos adquiridos estejam a serviço da vida. A Ecopedagogia, mesmo que ainda não se faça presente, pode encontrar nesse aspecto espaço para inaugurar novas formas de relacionamento entre educando-educador-cosmos. Espaço para reconstruir uma proposta pedagógica que além de prática, seja flexível, processual e holística (GUTIÉRREZ e PRADO, 2000, p. 60), a ser conquistada mediante a atuação de uma “pedagogia como a promoção da aprendizagem”, a partir do tratamento dos conteúdos e das formas de expressão direcionadas a uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade. Não se trata de uma pedagogia alternativa, mas de trabalhar a partir da escola e da pedagogia que existem, para dialeticamente, construir “outras possibilidades, sem aniquilar as presentes. O futuro não é o aniquilamento do passado, mas a sua recuperação” (GADOTTI, 2000, p. 48).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Linguagem e Arquitetura**: o problema do conceito. Revista Conceito, Linguagem e Arquitetura, 2000. Disponível em: <http://www.arquitetura.ufmg.br> Acesso em 30/07/2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**: Ecopedagogia e educação sustentável. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar> Capturado em 08 de abril de 2008.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental**: no consenso um embate? Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. Ecopedagogia e cidadania planetária. São Paulo: Cortez, 2000.

LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord). **Identidades da educação ambiental**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental**: natureza, razão e história. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.